XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã
de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

FANZINE FEMINISTA NA PÓS-GRADUAÇÃO: Reflexões de uma experiência da disciplina Educação, Comunicação e Feminismos [1]

Stefany Vitores – Universidade Federal de São Carlos
Carolina Cadinelli – Universidade Federal de São Carlos
Profª Drª Cláudia Lahni – Universidade Federal de São Carlos
Profª Drª Daniela Auad – Universidade Federal de São Carlos

RESUMO
O presente trabalho busca refletir sobre a criação de zines como exercício do direito à comunicação. Fazemos isso a partir do relato de experiência de oficina realizada como encerramento da disciplina Educação, Comunicação e Feminismos do PPGECH - UFSCar So. A oficina foi um convite ao processo de "colocar as tripas no papel" (Anzaldúa, 2000), expressão visceral do que foi apreendido durante a disciplina pelas estudantes. Com este trabalho, buscamos aprofundar as discussões pautadas na disciplina, registrando processos de autoria de mulheres feministas enquanto forma de expressão que contempla suas individualidades e os locais que ocupam na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE
Feminismos; Fanzine; Direito à Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

A mídia, compreendida como espaço público e político de disputa (Daniela Auad, Cláudia Lahni, 2013), veicula o que é considerado aceitável e repudiável em suas narrativas e silêncios. Silêncios que são ensurdecedores; por meio deles, nega-se a existência de minorias sociais como sujeitos de direito. Em movimento de luta por uma sociedade mais justa, então, é que falamos em democratização e direito à comunicação, que diz respeito à construção de diálogos horizontais também por meio das mídias. Exercendo-o, construímos democracia, para que todas as pessoas e grupos sociais possam se ver representadas neste espaço de forma igualitária e com respeito aos direitos humanos. Essa, porém, não é a realidade. Apesar do longo processo de disputa por espaço nesse meio, as mídias tradicionais de grande alcance permanecem tendo a normativa homem-branco-cis-hétero como referencial primário; e a internet também se alinha a essa normativa, visto que os algoritmos operam de acordo com os padrões discriminatórios vigentes em nossa sociedade (Laura Schertel Mendes, Marcela Mattiuzzo, 2019).

---

[1] Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

Há, então, também, de se encontrar locais possíveis onde pessoas como nós - mulheres, feministas, bissexuais e lésbicas -, entre tantas outras que “desviam” da norma, possam exercer seu direito. Uma dessas possibilidades é a produção de fanzines: publicações independentes com tiragens pequenas; suas editoras são as únicas responsáveis pela sua produção e distribuição (Michelle Camargo, 2011). Evidenciando o caráter democrático desse tipo de comunicação, que foi (e é) muito utilizado pelos movimentos sociais populares.

Partindo dessa percepção, concebemos uma oficina de produção de fanzines como encerramento ideal para o primeiro ciclo do projeto de extensão Mulheres Públicas, Mulheres que Publicam (MPMQP) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba -, que ocorreu no segundo semestre de 2024. Considerando que um dos seus objetivos é empoderar mulheres no campo da escrita, entendemos que o fanzine é uma ferramenta possível, que coloca sua produtora na posição de acessar e experimentar todas as etapas necessárias para o processo de produção editorial daquele material.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho se estrutura metodologicamente como um relato de experiência a partir da disciplina Educação, Comunicação e Feminismos, ministrada pelas docentes Cláudia Lahni e Daniela Auad, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba.

As estudantes da disciplina participaram dos encontros abertos do projeto de extensão MPMQP. Os relatos e reflexões abordados no âmbito deste texto partem desta interdisciplinaridade, presentes na disciplina e no projeto de extensão que contou ainda com a participação de integrantes do Grupo de Pesquisa Flores Raras.

Também pode ser definido, em termos de natureza metodológica, como uma revisão bibliográfica acerca de aspectos da produção de zines feministas, assim como discussões sobre direito à comunicação e autoria feminista.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica que alicerça a discussão no interior deste texto foi construída a partir de referenciais feministas, dos estudos sobre fanzines e do direito à comunicação, principalmente.

Os zines podem ser considerados veículos gráficos para expressão e militância feminista (Michelle Camargo 2011), evidenciando a necessidade de construção de redes femininas como

ferramenta de acolhimento e fortalecimento entre mulheres - o que Adrienne Rich (2010) vai chamar de Continuum Lésbico - uma possibilidade de sobrevivência frente às dores que o patriarcado nos inflige.

A pesquisa-ação serviu de inspiração para a elaboração da oficina de encerramento da disciplina, sobretudo pela compreensão de centralidade da prática enquanto processo de construção de conhecimento, sendo entendida como expressão vivencial e alicerce epistemológico. Essa é uma perspectiva que não exclui a possibilidade de sentimento e afetividade na pesquisa científica (Fals Borda, 1970) e que é corroborada pela teoria crítica feminista proposta por Alison Jaggar (1997).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção dos zines sugeria a possibilidade de materializar as compreensões tecidas a partir dos diálogos da disciplina. Assim, as estudantes construíram seus zines com entusiasmo, materializando suas percepções e reverberações notórias.

Foi também um momento de construção de memória. Uma das discentes compartilhou suas vivências enquanto uma jovem feminista militante punk, por exemplo; outra trouxe a música Carta de Amor de Maria Bethânia com o trecho “Eu não ando só”, uma alusão também à militância feminista que nos lembra do potencial de criação de vínculos entre mulheres. Também houve o frutífero apontamento de Carolina Cadinelli, coautora deste trabalho, sobre obras feministas; a estudante, questionou a validação do conteúdo feminista presente nas publicações. O que faz um zine ser considerado feminista? O conteúdo explicitamente teórico feminista? Ou “simplesmente” ser produzido por uma mulher feminista?

Camila Olivia-Melo e Gabriela Gelain (2018) abordam a confecção de zines enquanto um processo de subjetivação e experiência para as mulheres que os produzem, assim como o direito à autoria, percepção corroborada pelas participantes da oficina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os zines podem ser uma potente ferramenta de comunicação democrática e acessível. As possibilidades de tecer publicações que independem da formação, experiência e validação externa os tornam uma alternativa notável no sentido de direito à comunicação. E ainda garantem, no âmbito das vivências femininas, processos de subjetivação e autonomia, expressão simbólica e transformação da realidade.

No que concerne à disciplina, projetos de extensão podem garantir a possibilidade de integração entre pessoas que se encontram fora da Universidade por motivos de exclusão simbólica

ou material e, dessa forma, pode-se ampliar a troca e a difusão de conhecimento. Foi relevante o acesso a discussões como autoria e editoração feminina, políticas de citação, a escrita como possibilidade de cura, de vida e reparação, por exemplo. Temas estes abordados, na primeira edição do MPMQP, cuja segunda edição acontece em 2025, a fim de que de forma aprofundada as participantes possam aprender e dialogar, para ler, escrever e construir juntas uma sociedade com respeito a todas as mulheres.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000.

AUAD, Daniela; LAHNI, Claudia. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: Da anorexia do slogan ao apetite da democracia. **Eptic**, 15(3), 117–130, 2013.

CAMARGO, Michelle. "Manifeste-se, faça um zine!": uma etnografia sobre "zines de papel" feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 155–186, 2011.

FALS BORDA, Orlando. **Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual**. México: Editora Nuestro Tiempo, 1970.

JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 157–185.

MENDES, Laura; MATTIUZZO, Marcela. **Discriminação algorítmica:** conceito, fundamento legal e tipologia. Direito Público, v. 16, n. 9, 2019.

OLIVIA-MELO, Camila; GELAIN, Gabriela. Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto-publicações do Rio de Janeiro – Brasil. Porto: Instituto de Sociologia da Universidade do Porto; **IS Working Papers**, série 3, n. 65, 2018

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 26 jul. 2025.